

Edifício Manchester: Memória e discursos na arquitetura moderna em Joinville (SC)¹

Tayna Vicente²

Nadja de Carvalho Lamas³

Alena Rizi Marmo⁴

Resumo: A produção arquitetônica pode ser uma maneira de materializar discursos e poderes na malha urbana. Em Joinville (SC), a arquitetura moderna se apresentou como um artifício para que se tornasse tangível o discurso do trabalho amplificado na cidade. As décadas de significativo progresso econômico da cidade, confluíram com as décadas nas quais as edificações com linguagem moderna foram erguidas na área urbana central. O progresso, alavancado, principalmente, pelo desenvolvimento fabril, gerou a ascensão do poder industrial e do empresariado joinvilense. O investimento em uma imagem modernizada da cidade, demonstrava a atualidade do progresso, e na arquitetura esta visão se materializou em edifícios com maior número de pavimentos, a abertura de grandes avenidas e a implantação de novas tecnologias, contrastavam com a malha urbana ligada ao período colonial. A cidade foi um solo fértil para que fossem construídas edificações que demarcassem este ciclo sociocultural. A partir do estudo do Edifício Manchester este texto tem como objetivo compreender o reflexo da industrialização da cidade e da alcunha de "cidade do trabalho" nas suas construções e em sua organização urbana, materializando discursos e tornando visíveis as memórias do período. O edifício marcou, e ainda marca, a paisagem urbana da cidade de Joinville. Sua construção representa o momento de grande expansão econômica da indústria joinvilense e suas instalações foram utilizadas por representantes deste crescimento. Na "cidade do trabalho", o Edifício Manchester é uma concretização deste discurso, simbolizando a robustez e a imponência da imagem que se desejava passar.

Palavras-chave: Edifício Manchester. Arquitetura moderna. Memória.

1 Este trabalho foi apresentado no VI ENIPAC e publicado nos anais do evento, entretanto, o artigo traz outras contribuições no âmbito da memória e sobre os discursos hegemônicos na cidade de Joinville (SC). Este trabalho foi apresentado no VI ENIPAC e publicado nos anais do evento, entretanto, o artigo traz outras contribuições no âmbito da memória e sobre os discursos hegemônicos na cidade de Joinville (SC). Universidade da Região de Joinville.

2 Universidade da Região de Joinville.

3 Universidade da Região de Joinville.

4 Universidade da Região de Joinville.

Manchester Building: Memory and discourses in modern architecture in Joinville (SC)

Abstract: Architectural production can be a way of materializing speeches and powers in the urban fabric. In Joinville (SC), the modern architecture presented itself as an artifice to make the discourse of amplified work in the city become tangible. The decades of significant economic progress in the city converged with the decades in which buildings with a modern language were built in the central urban area. Progress, driven mainly by industrial development, generated the rise of industrial power and the business community in Joinville. The investment in a modernized image of the city demonstrated the current progress. In architecture, this vision materialized in buildings with a greater number of floors, the opening of large avenues, and the implementation of new technologies, contrasting with the urban fabric linked to the period colonial. The city was fertile ground for buildings that demarcated this sociocultural cycle. Based on the study of the Manchester Building, this text aims to understand the reflection of the city's industrialization and the nickname "city of work" in its buildings and urban organization, materializing discourses and becoming visible the memories of the period. The building marked, and still marks, the urban landscape of the city of Joinville. Its construction represents the moment of great economic expansion of the Joinville industry and its facilities were used by representatives of this growth. In the "city of work", the Manchester Building is a concretization of this speech, symbolizing the robustness and grandeur of the image that was intended to be conveyed.

Keywords: Manchester Building. Modern Architecture. Memory.

Introdução

O desenvolvimento industrial da cidade de Joinville, localizada no norte do estado de Santa Catarina, fez com que a cidade conquistasse destaque em âmbito nacional, principalmente na década de 1970. As mudanças foram expressivas. Entre os anos de 1954 até 1975 houve um crescimento de cerca de 394% de trabalhadores no setor industrial, passando de 7.091 empregados em pátios fabris para 35.000. Dados de 1977, apontavam as indústrias da cidade como responsáveis por 75% da produção industrial da microrregião, 28% da produção catarinense e 5% da produção industrial da região sul (TERNES, 1986). Este significativo progresso econômico da cidade, subsidiou e alavancou uma série de mudanças na sua estrutura urbana. Período em que se ergueu pela cidade um substancial conjunto de edificações modernistas.

Joinville possuía uma grande projeção nacional, quando se tratava de assuntos ligado ao trabalho, referendada pelo poder executivo da época, período de vigência da ditadura militar. Uma nota publicada no jornal Correio do Norte em 26 de abril de 1975, anunciava que o então presidente de república Ernesto Geisel, no "dia 1º, Dia do Trabalho, estará em Joinville, na Manchester catarinense e ali anunciará o novo salário-mínimo a vigorar, a partir de maio no país. Sem dúvida, uma deferência toda especial ao nosso Estado." (CORREIO DO NORTE, 1975)

O expressivo crescimento industrial trouxe à cidade muitos migrantes, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970. A disciplinação daqueles que eram oriundos de outras partes do estado e do país acontecia para que a cultura do trabalho, do povo trabalhador que vivia nesta cidade de descendentes germânicos, se perpetuasse. (COELHO, 2010)

A cultura do trabalho era alimentada nos habitantes e nos migrantes, com o discurso de uma cidade que se desenvolvia pelo esforço de seus cidadãos. A imagem da "Manchester Catarinense", epíteto adotado pela cidade, reverberava no discurso do empresariado, do poder público e encontrava na população um receptáculo. A ideia de uma cidade que se desenvolveu por meio do trabalho de seus habitantes, que atuavam interminavelmente para o crescimento, progresso e ordem da maior cidade do estado, perpassou lideranças e gerações, reverberando até os dias atuais (Figura 01). (SOUZA, 2005)

Figura 01 - Grafitti em fachada na área central de Joinville, com a escrita “Joinville é a locomotiva catarinense”



Fonte: Foto de Vicente, 2022

Entretanto o aumento populacional juntamente com a falta de planejamento e preparo da cidade para receber os novos habitantes resultou em um crescimento vertiginoso, em porções da cidade onde não se tinha infraestrutura para habitação, marginais aos espaços desenvolvidos e, muitas vezes, em invasões de áreas de manguezais. Passou-se a ter ocupações em áreas diversas, em espaços distintos do que a cidade havia vivido até então, tanto espaciais, como culturais e socioeconômicos. Estas mudanças no perfil de ocupação e população, encarado como uma enfermidade no tecido da cidade, é o que foi denominado pelos jornais da época como “questão do migrante”, pois deixava as lideranças políticas e empresariais aflitas, uma vez que, segundo estes discursos, a cidade havia se tornado um “imã” para migrantes. (A NOTÍCIA, 1989, p. 7, apud COELHO, 2010, p. 87)

Nesta esteira, contrastando com o crescimento desordenado da cidade, em meio a ascensão do poder industrial e do empresariado joinvilense, investiu-se também em uma imagem modernizada da cidade. Edifícios com maior número de pavimentos, a abertura de grandes avenidas e a implantação de novas tecnologias, contrastavam com a malha urbana ligada ao período colonial e aos assentamentos marginalizados que se davam pela inflação populacional da cidade. Um exemplo é a Avenida Juscelino Kubitschek, via importante que configura um eixo norte-sul na cidade até os dias atuais, teve sua obra iniciada por volta de 1975. Além deste feito no espaço urbano, construiu-se pontes, como a do Rio Cachoeira, próxima ao Mercado Municipal, na década de 1960.

Os novos arranjos da cidade demarcaram no tecido da cidade os ciclos e os processos que a cidade foi submetida, seja por desenvolvimento, por crescimento ou por cicatrizes. O que foi construído por e para o chamado progresso socioeconômico ou para demarcação de um discurso sobre a cidade e seus cidadãos circunscreve no conjunto urbano estes ciclos. A materialização destes discursos é utilizada como uma marca na eternidade, atribuídos a uma função de salvaguarda destas memórias, apresentando-se conjuntamente nos sentidos “material, simbólico e funcional”. (NORA, 1993, p.21)

Para Candau (2011), nossas memórias nos embasam como seres, nos formam como indivíduos e amparam a formação de nossas identidades. Estes espaços, cristalizados no tempo, criam meios e lugares do que o autor chamou de “extensões de memória”, que marcam e registram no tempo para que se possa “fazer memória”, garantindo assim sua transmissão.

Estes lugares reverberam até o presente, se mantêm na malha urbana, são utilizados pelos cidadãos e suas significações perpetuam entre gerações. Neste contexto, temos a construção do Edifício Manchester, que carrega em seu nome, sua localização e em seus ocupantes, símbolos e signos desta cidade que cresceu com o trabalho e com a força e os impactos da industrialização, tornando tangível os discursos sobre a “Manchester Catarinense”.

O Edifício Manchester

O Edifício Manchester (Figura 02) foi inaugurado em 24 de julho de 1970, numa cerimônia organizada pela Associação Empresarial de Joinville (ACIJ). Nesta solenidade foi inaugurado o edifício e a nova sede da ACIJ, instalada no mais recente edifício da cidade. A cerimônia contou com a presença do então Ministro da Fazenda, Delfim Netto (Figura 03). O Manchester, a época de sua construção, foi o edifício mais alto da cidade e o de maior metragem quadrada do estado de Santa Catarina. (SEBRAE, 2022)

Figura 02: Edifício Manchester, fachada da Rua do Príncipe.



Fonte: Foto de Vicente, 2022

Figura 03 - Nota sobre a vinda do Ministro da Fazenda à Joinville, publicada no Jornal O Estado. Florianópolis, 05 de junho de 1970. Nº 16.404



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

Projetado e executado pela empresa Comasa S.A., o edifício está localizado na Rua do Príncipe, nº 330 no bairro Centro, em meio ao maior conjunto patrimonial da cidade. Tais edificações, salvaguardadas pelo município e pelo estado de Santa Catarina, estão principalmente ligadas a formação inicial da cidade de Joinville, com edificações, em sua maioria, com fachadas ecléticas, promovendo assim um contraste de temporalidades e técnicas arquitetônicas, contrapondo materiais, formas, volume, porte e ornamentação (ou a falta dela).

Projetado para representar a força da industrialização joinvilense, conforme já dito anteriormente, o edifício leva em seu nome o epíteto atribuído a cidade. O discurso sobre a “Manchester Catarinense” reverbera até a atualidade, em discursos sobre o povo trabalhador que a habita. Este jogo semântico, para Certeau (1998), dispõe pela cidade nomes tais que se configuram em uma hierarquização dos espaços e produzem legitimações históricas da urbe, reverberando até a atualidade os discursos produzidos e ratificados.

A produção arquitetônica, que cristaliza estes locais de memória na malha urbana, torna visível e palpável tais discursos, colocando-os no convívio diário da cidade, tornando-se uma constante fomentação desses signos escolhidos, marcando-os de maneira duradoura, efetivando-se na relação entre o construído e o usufruidor. (VICENTE, 2023)

O Manchester se constitui de 14 pavimentos e neles estão distribuídas unidades residenciais, comerciais e de serviços. O edifício foi construído entre as ruas do Príncipe e São Joaquim, possuindo fachada para ambas e permitindo uma permeabilidade urbana em seu térreo com acesso as duas ruas, configurando um espaço semipúblico. Esta rota pedonal acontece em outros edifícios no entorno do Manchester, configurando entremeios da cidade que permite aos pedestres uma locomoção facilitada. Em seu térreo estão dispostas lojas e sobrelojas, que constituem um térreo ativo, solução que foi utilizada também por Rubens Meister no desativado Hotel Colon, vizinho do Edifício Manchester, que permite aos moradores e aos trabalhadores do edifício acesso a produtos e serviços. (VICENTE, 2023)

Do terceiro ao nono pavimento a configuração se divide, de modo que um lado não tem acesso ao outro. Na fachada voltada para a Rua do Príncipe ficam as unidades residenciais e para o lado da Rua São Joaquim estão locadas as garagens e as salas comerciais. O acesso aos setores se dá separadamente no térreo do edifício, que possui acesso a parte residencial, de serviços e as sobrelojas. Do quarto ao nono andar estão os pavimentos tipos, constituídos por quatro apartamentos e quatorze salas comerciais. O décimo andar foi adequado para que a rádio

cultura se instalasse no local e o décimo primeiro, o “Terraço Tupy”. (VICENTE, 2023)

Nos primeiros anos, além da Rádio Cultura e o espaço da metalúrgica Tupy, estavam no Manchester o Banco do Estado de São Paulo, o Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Joinville e a Associação Empresarial de Joinville. Nomes como Rodrigo de Oliveira Lobo, então senador federal, também possuíam apartamentos no edifício.⁶ (VICENTE, 2023)

Ao longo dos anos, o edifício recebeu vários eventos e foi local de implantação de importantes sedes, ligados diretamente ao setor industrial. Em algumas notas publicadas em jornais, pode-se perceber a reverberação da edificação como espaço representativo da força da indústria da cidade. Em 1971, ocorreu no local da ACIJ o encontro dos prefeitos que integravam a Fundação Intermunicipal de Desenvolvimento Integrado de Santa Catarina (O ESTADO, 1971). Em 1972, o presidente e os diretores da Companhia Siderúrgica Nacional visitaram a cidade e passaram por diversas fábricas e posteriormente, foi realizado um coquetel na ACIJ para os visitantes (O ESTADO, 1972). A APESC, Associação dos Produtores de Energia de Santa Catarina, inaugurou sua filial em Joinville em 1975, localizada no Edifício Manchester (O ESTADO, 1975). Assim como, em 2007, uma nota no Jornal O Correio do Povo confirma a permanência da Secretaria da Fazenda do município no Manchester (O CORREIO DO POVO, 2011). É notória a representatividade que o edifício possuía para o setor industrial, materializando e marcando na paisagem da cidade a força desta área na localidade.

Em sua fachada, os pilares demarcam o ritmo das esquadrias. No térreo e na sobreloja, as aberturas de vidro acontecem como vitrines. No terceiro pavimento, os cobogós fazem o fechamento dos terraços, permitindo ventilação e iluminação. O volume do corpo principal do edifício é composto por um jogo ritmado de esquadrias, que se destacam por seu acabamento preto nos fechamentos de vidro. Destaque para as linhas verticais, que acontecem por meio da pintura branca entre as esquadrias, proporcionando uma sensação de maior estatura, e a percepção visual de alongamento do prédio. Seu volume, como um sólido bloco retangular, se destaca na paisagem do entorno imediato, composto majoritariamente de prédios de 2 ou 3 pavimentos (Figura 04).

Figura 04 - Edifício Manchester e a Rua do Príncipe.



Fonte: Foto de Vicente, 2022

Assim como o Manchester, outras edificações construídas por volta da década de 1970 e ligadas a expansão industrial da cidade, tiveram seus projetos concebidos com os preceitos da arquitetura moderna, tais como: os edifícios administrativos da Ciser, a sede administrativa e parte da recreativa Tigre, parte do prédio da Döhler, entre outras.

5 Informações coletadas nas pranchas de projeto arquitetônico disponíveis no acervo do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ).

Figura 05 - Da esquerda para a direita, na linha superior: os edifícios administrativos da Ciser e a sede administrativa da Tigre; na linha inferior: parte da recreativa da Tigre e parte do prédio da Döhler.



Fonte: Google Street View, 2022

Esta modernização vista nas construções representava o progresso e a atualidade tecnológica que as indústrias traziam para a cidade, gerando renda e desenvolvimento. O Edifício Manchester mantém sua imponência na imagem da cidade até a atualidade, visto que seu entorno se dá, em sua maioria, de edificações tombadas. Sua presença torna-se uma âncora de legibilidade do espaço urbano para quem usufrui, frui, permanece e atravessa estes locais.

Neste sentido, podemos entender a produção arquitetônica como qualificadora na formação das identidades, uma vez que está vinculada aos laços sociais e culturais, ainda que submetidos a variações para cada pessoa. Articula-se também como um “elemento imbuído de valor simbólico”, potencializando memórias atreladas às vivências e saberes. (REICHERT; OLIVEIRA; FRANZEN, 2017, p.160)

O aporte que a materialidade dos espaços construídos oferece para o contato social, seja em suas instalações ou em seu entorno, demarcando seu espaço na malha da cidade, resulta na transmissão sobre o bem e nas relações que acontecem em seu entorno

Deste modo, possuem a capacidade de despertar “vínculos de identidade, de pertencimento, de solidariedade e de responsabilidade”, quando se constrói um vínculo cultural. (REICHERT; OLIVEIRA; FRANZEN, 2017, p.161)

Estes espaços se instituem como “referências perenes, percebidas como desafio ao tempo” (CANDAU, 2011, p. 156), inscritas em paisagens que servem de afirmação para memórias compartilhadas e podem se organizar como marcos identitários. Assim podemos entender a arquitetura e sua perenidade como um veículo, que transporta

e se encarrega de se tornar um depositário de memórias, inserindo-se no jogo de identidade (CANDAUI, 2011). A construção de símbolos de discursos, manipulam peças para a legitimação sobre algumas identidades, perpetuando de maneira concreta suas percepções, colocando tais memórias em “exposição” em um apelo a uma “vontade supostamente coletiva”. (JEUDY, 2005, p.22)

Inserido neste espaço urbano, o Edifício Manchester marca a paisagem, se constituindo como referência para quem frui o tecido da cidade. Partindo de quem transita pela Praça Nereu Ramos, o Edifício Manchester, junto ao Hotel Colon, formam um conjunto imediato de edificações modernistas, provocando a impressão de que tais prédios fazem os limites da praça, como paredes para essa “sala de estar” urbana. Junto ao edifício Fauhy, construído na mesma época que o Manchester, esta sensação é ampliada por toda a configuração de seu entorno, que, pela falta de afastamento entre os prédios, conformam uma única grande fachada. O Manchester configura, ainda, um pano de fundo para o edifício que foi sede dos correios e telégrafos, construído na Era Vargas, similar a outros edifícios destinados ao mesmo uso pelo país.

Figura 06 - Praça Nereu Ramos, vista da Rua do Príncipe. Ao fundo, da direita para a esquerda, temos o Edifício Manchester, o Hotel Colon e o Edifício Fauhy.



Fonte: Google StreetView, 2021

Estas “âncoras” dão legibilidade ao espaço auxiliando a sua leitura, o deslocamento e ordenam a organicidade da cidade. Estas edificações cumprem seu papel social no tecido urbano, fornecendo símbolos e experimentações sensoriais ligadas as identidades e as memórias de cada cidadão (LYNCH, 2011). A cidade necessita de locais, meios poéticos e simbólicos, que representem os indivíduos e o corpo social que está inserido, que demonstre seus anseios e as tradições históricas, simbolizem seu passado e seu futuro, além de equivaler aos “complexos movimentos e funções do mundo urbano”. (LYNCH, 2011, p. 134)

Estabelecido na pluralidade cultural e de arranjos sociais que formam as tramas da cidade, o Edifício Manchester constitui-se como um marco legível, de valor cultural e urbano. É uma expressão cultural, que representa um arranjo cultural e de poderes, remetendo a memórias e significados no cotidiano da cidade.

Considerações finais

O edifício marcou, e ainda marca, a paisagem urbana da cidade de Joinville. Sua construção representa o momento de grande expansão econômica da indústria joinvilense e suas instalações foram utilizadas por

representantes deste crescimento. Na “cidade do trabalho”, o Edifício Manchester é a materialização deste discurso, simbolizando a robustez e imponência da imagem que se desejou passar.

O Manchester foi de grande importância e significado para um grupo que entoou o discurso sobre o povo trabalhador que habitava a cidade, utilizou de suas instalações para sediar eventos que fossem afirmativos deste ponto de vista e, ao torná-lo tangível aos cidadãos, cristalizou no espaço urbano essas memórias, que levam a sua transmissão.

Para além, seu projeto implementa características da arquitetura moderna brasileira, como os elementos vazados, o térreo ativo, a permeabilidade urbana, soluções para conforto térmico e fachada com aberturas maiores. Tais características são visíveis em outras edificações deste conjunto que ainda se preservam pela cidade.

Estes signos reverberam até a atualidade, com sua imponência concretizada na imagem da cidade. A transmissão sobre o que é e o que foi o edifício acontece, os signos da imagem de uma cidade do progresso, modernizada e destaque por sua importância industrial reverbera nestas construções, que estão diretamente ligadas ao poder, a memória e ao discurso hegemônico de uma cidade construída pela força de seus trabalhadores.

Referências

AsBEA-SC, Leticia Wilson (org.). **Grandes Nomes da Arquitetura Catarinense:** arquitetura moderna. Florianópolis: Santa Editora, 2022. Disponível em: <<https://grandesnomes.arq.br/>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2019.

COELHO, Ilanil. **Pelas Tramas de uma Cidade Migrante (Joinville, 1980-2010).** 2010. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CORREIO DO NORTE: **Notas Esparsas.** Canoinhas, 26 abr. 1975.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades.** Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2005.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Tradução de Vara Aun Houry. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

O CORREIO DO POVO: **Sede não muda.** Santa Catarina, 11 maio 2011.

O ESTADO: **Informa.** Florianópolis, 06 jul. 1971.

O ESTADO: **Diretores da CSN chegam a Joinville para visita.** Florianópolis, 19 ago. 1972.

O ESTADO: **APESC inaugura sua nova filial em Joinville.** Florianópolis, 14 jun. 1975.

PESSÔA, Eleonora Bahr. **Patrimônio Cultural, Ambiental e Arqueológico nos Planos Diretores de Joinville.** 2022. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2022.

REICHERT, Bárbara; OLIVEIRA, Patrícia Dalmina de; FRANZEN, Douglas. Arquitetura, memória e identidade: interfaces do patrimônio edificado no extremo-oeste catarinense. **Revista Grifos**, Chapecó, v. 26, n. 43, p. 157-190, fev. 2017.

SEBRAE. Rua do Príncipe - **Trilha do Patrimônio Histórico**. 2022. Disponível em: <<https://www.visitejoinville.com.br/trilha-do-patrimonio>>. Acesso em: 17 jan. 2023.

SOUZA, Sirlei de. Movimentos de resistência em tempos sombrios. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org.). **Histórias de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. 2. ed. Joinville: Univille, 2005. p. 193-243.

TERNES, Apolinário. **História econômica de Joinville**. 2. ed. Joinville, SC: Do autor, 1986. 279 p.

VICENTE, Tayna. **Traços da Modernidade: Uma investigação sobre valor e processo de registro patrimonial em edificações modernas de Joinville - SC**. 2023. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, 2023.